

OS MAIOAIS DA PRINCESA DO SUL: 1870-1931

**MAGALHÃES, Paulo Vieira da Silva¹; MORAES, Cleonice Gonçalves de²;
PEREIRA, Lucas Pessoa³; RADÜNZ, Karen Pötter⁴; SANTOS, Carlos Alberto
Avila⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Design Gráfico; ²Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Artes Visuais; ³Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Design Gráfico; ⁴Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Design Gráfico; ⁵Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes. betosant@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1870 e 1931, a cidade de Pelotas apresentou grande desenvolvimento econômico e se destacou como principal polo de investimentos da zona sul do Rio Grande do Sul (SANTOS, 2007). Essa riqueza foi decorrente do núcleo charqueador implantado no município, que entre as datas de 1860 e 1890 teve seu apogeu de produção e, em curto espaço de tempo, enriqueceu os proprietários das charqueadas pelotenses (MAGALHÃES, 1993). Ao lado de estancieiros e charqueadores, somaram-se agricultores, comerciantes, capitalistas, proprietários de manufaturas e industriais, que com os primeiros formaram a classe dominante do lugar.

No decorrer dos anos de 1870-1931 consolidou-se o espaço urbano de Pelotas, desenvolvendo-se a estética arquitetônica historicista eclética nas caixas murais dos prédios edificadas, estilo introduzido na região por construtores sobretudo de origem italiana (SANTOS, 2007). Os edifícios e os elementos funcionais e ornamentais, agregados aos prédios ecléticos pelotenses, foram objetos de pesquisa de diferentes grupos de alunos do Centro de Artes da UFPel. Buscando complementar estes estudos, uma nova equipe de estudantes desenvolve atualmente o trabalho “Os maiorais da Princesa do Sul: 1870-1931”. A investigação enfoca os proprietários das construções inventariadas de Pelotas, cidade denominada como Princesa do Sul. O título da pesquisa remete à denominação empregada por Fernando Osório na obra A cidade de Pelotas, de 1822. Na antiga publicação, o autor registrou como “maiorais” os vultos importantes do lugar. Este texto apresenta três desses maiorais.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia está fundamentada em pesquisa bibliográfica, realizada na seção de livros raros e jornais antigos da Biblioteca Pública Pelotense, em *sites* disponibilizados na Internet, e, também, em pesquisa de campo com entrevistas dos descendentes dos vultos encontrados, em visitas aos acervos da Santa Casa de Misericórdia, da Beneficência Portuguesa, do antigo Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, do Asilo de Mendigos, entre outras instituições, para a realização de registros fotográficos digitais de retratos de pinturas ou fotos antigas dos beneméritos selecionados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 DR. JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO

Segundo Carvalho (1937), Joaquim Augusto de Assumpção era filho de Joaquim José de Assumpção, Barão de Jarau, e de D. Cândida Clara de Assumpção. Nasceu em Pelotas em 18 de junho de 1850 e faleceu no dia 2 de abril de 1916. Casou-se com D. Maria Francisca Mendonça de Assumpção. Tiveram nove filhos: Joaquim Augusto, Luís Augusto, Carlos Augusto, Fernando Augusto, Maria Augusto, Francisca Augusto, Judith Augusto, Noêmia Augusto e Ernestina Augusto. Joaquim Augusto de Assumpção formou-se em direito pela Universidade de São Paulo. Foi vereador em Pelotas (1887-1889), Conselheiro Municipal (1904-1908), Presidente do Conselho por dois mandatos (1908-1916), Juiz em Rio Grande e em Pelotas e Senador pelo Rio Grande do Sul (1912-1915). Foi presidente da comissão que reivindicou ao Papa Pio X, a criação do bispado de Pelotas e a elevação da igreja à condição de catedral. Adquiriu metade das ações que permitiram a fundação do Banco Pelotense.

Com a morte da única irmã (Ernestina) e do cunhado, no Rio de Janeiro, Joaquim Augusto de Assumpção trouxe os cinco sobrinhos pra morar com sua família. As moças dormiam no palacete assobradado eclético edificado entre os anos de 1884 e 1889, que ocupava o lote de esquina formada pelas ruas Félix da Cunha e Lobo da Costa. Os rapazes dormiam na casa ao lado da residência, pela Rua Félix da Cunha, onde Joaquim Augusto montou escritório. Atualmente, o antigo palacete residencial da família pertence à Universidade Federal de Pelotas, tendo sido restaurado no ano de 2005 e abrigando, atualmente, a Faculdade de Turismo.

3.2 BARÃO DE SÃO LUIS – LEOPOLDO ANTUNES MACIEL

De acordo com Carvalho (1937) e Vasconcellos (1918), Leopoldo Antunes Maciel, Barão de São Luis, nasceu em Pelotas em 1850, e faleceu na mesma cidade em 5 de maio de 1904. Era filho do Tenente Coronel Eliseu Antunes Maciel e D. Leopoldina da Rosa, e irmão do Barão de Cacequi. Assim como o irmão, Leopoldo Antunes Maciel casou-se com uma das descendentes dos Barões de Butuí, D. Candida Moreira de Castro. Teve doze filhos: Alaide, Olga, Otilia, Godofredo, Oscar, Leopoldo, Francisco, Corá, Adalberto, Breno, Leopoldo e Lourival.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo, formou-se em 1870. Teve grande prestígio em Pelotas, ocupando importantes cargos de eleição e de confiança durante o Império, como a Vice-Presidência da Província do Rio Grande do Sul, o Comando Superior da Guarda Nacional em Pelotas, e a Presidência da Câmara Municipal pelotense, de 1879 a 1881.

Por Decreto Imperial, em 5 de julho de 1884 foi agraciado com o título de Barão de São Luís¹. Residia na casa assobradada construída em 1879, em lote de meio de quarteirão, fronteiro à Praça Coronel Pedro Osório. O casarão foi

¹ Segundo o artigo **O ciclo do charque**: Quem foram os aristocratas. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/pelotas/baroes.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

restaurado pelo Projeto Monumenta, inaugurado em novembro de 2010². Atualmente, pertence à SECULT e deverá abrigar o Museu da Cidade de Pelotas.

3.3 FREDERICO CARLOS LANG

Nascido em 5 de dezembro de 1836, em Berschweiler, na Alemanha, Frederico Carlos Lang faleceu em Pelotas no dia 18 de junho de 1899. O imigrante alemão veio para o Brasil em 1861, e se estabeleceu na cidade de Rio Grande, onde trabalhou no comércio local. Transferiu-se para Pelotas e empregou-se na fábrica de sabão de Luiz Eggers. Depois de algum tempo, comprou o estabelecimento e fundou a Fábrica F. C. Lang & Cia., em 20 de setembro de 1864, que produzia sabão e velas. Nesse mesmo ano de 1864 casou-se com D. Laura Luíza, vinda da Alemanha em 1863, com quem teve dois filhos: Frederico Carlos e Hugo Carlos (Revista do 1º Centenário de Pelotas, 1912).

A antiga fábrica produzia, em pequena escala, sabão comum e velas de sebo. Frederico Carlos Lang comprou a chácara de João Cirer e transferiu a indústria para a Rua Gonçalves Chaves nº. 1158 (OSORIO, 1998), ampliou a produção da empresa que, no ano de 1879 passou a produzir sabão perfumado e sabonetes. Em 1885, depois de um estágio em Hamburgo, regressou da Europa um de seus filhos, Frederico Carlos, que assumiu a direção da firma.

Frederico Carlos Lang mandou construir a vila residencial eclética de sua família, em amplo lote de terreno fronteiro à Fábrica Lang, localizado na esquina das ruas Gonçalves Chaves e Antônio dos Anjos. A caixa mural do prédio tem cobertura aquilina com telhas francesas. Um torreão avarandado com telhado pontiagudo abriga a porta de acesso ao interior da construção. Na fachada principal, as janelas estão inseridas em um corpo saliente. Essas peculiaridades lembram a arquitetura germânica e aludem à origem do casal de proprietários (SANTOS, 2007). A antiga vila residencial ainda é propriedade da família Lang, hoje está alugada para uma escola de línguas estrangeiras.

4 CONCLUSÃO

Como resultado parcial do projeto de pesquisa, pode-se afirmar que a prosperidade econômica dos vultos enfocados neste estudo, na sua maior parte originada da produção e exportação do charque, foi ampliada com empreendimentos urbanos realizados por estes senhores na cidade de Pelotas, com cargos políticos, comerciais e industriais importantes que os mesmos assumiram durante o Império ou na República.

Influenciados pela moderna estética arquitetônica e aproveitando-se dos novos materiais advindos da industrialização dos países europeus, que chegavam ao porto da cidade em embarcações originadas de diferentes cidades do Velho Mundo, os ditos maiores empregaram parte de sua riqueza nas construções dos palacetes residenciais de suas famílias. Erguidos em grandes lotes de terreno, os edifícios seguiram, - com exceção, neste texto, de Carlos Lang, que investiu numa arquitetura de origem germânica ao mandar construir a Vila Residencial Lang -, sobretudo, a linguagem arquitetônica historicista eclética, introduzida na região por construtores imigrantes de origem italiana, cujas caixas murais apresentam elementos funcionais e ornamentais importados: ferro fundido, estuques e esculturas

² Segundo VIDAL, Francisco Antônio. **Pelotas, Capital Cultural: Casarão e Senzalas**. Disponível em: <<http://pelotascultural.blogspot.com/2010/11/casarao-e-senzalas.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

de cerâmica alouçada. Esses prédios materializaram a mentalidade progressista e os ideais de civilização buscados pela classe dominante pelotense no período compreendido entre os anos de 1870 e 1931.

5 REFERÊNCIAS

CARVALHO, Dr. Mário Teixeira de. **Nobiliário Sul-Riograndense**. Porto Alegre: Globo, 1937.

VASCONCELLOS, Barão de; SMITH DE VASCONCELLOS, Barão. **Archivo Nobiliarchico Brasileiro**. Lausanne: Imprimerie La Concorde, 1918.

OSORIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1998.

Revista do 1º Centenario de Pelotas: Publicação auxiliar para a comemoração projetada pela Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas, 1912.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Mundial, 1993.

VIDAL, Francisco Antônio. **Pelotas, Capital Cultural**: Casarão e Senzalas. Disponível em: <<http://pelotascultural.blogspot.com/2010/11/casarao-e-senzalas.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

O ciclo do charque: Quem foram os aristocratas. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/pelotas/baroes.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.